

Assediadas, estereotipadas, inocentes e submissas: as empregadas domésticas da telenovela *Laços de Família*¹

Paulo José de Sousa²

Clarice Greco³

Universidade Paulista-UNIP, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo busca compreender as representações das empregadas domésticas na telenovela *Laços de Família* de Manoel Carlos, exibida pela primeira vez na TV Globo entre 2000 e 2001 e reprisada no programa *Vale a Pena Ver de Novo* nos anos 2005 e 2020-2021, no Canal Viva em 2016 e disponível na plataforma Globoplay. A discussão traz apontamentos sobre as características dessas personagens e sobre as semelhanças entre a narrativa ficcional e a realidade de profissionais que exercem serviços domésticos, especialmente no que diz respeito a maus tratos e desigualdades sociais.

Palavras-chave: Telenovela; *Laços de Família*; Empregada doméstica; Assédio sexual; Preconceito.

Introdução

Ao longo deste artigo procuramos demonstrar as características das empregadas domésticas e o que as torna relevantes no cenário da telenovela *Laços de Família* e também fora das telas, dentro das narrativas de profissionais que exercem serviços domésticos. A temática leva a refletir sobre temas como estereótipo, preconceito, maus tratos e desigualdades sociais. Nesse contexto, é possível admitir dois significados para essas empregadas: um ligado à ficção e ao quadro de personagens coadjuvantes e outro ligado à constituição das personagens, que possibilita suscitar crítica social e reflexões acerca de preconceitos, violência e assédio moral e sexual.

Em *Laços de Família*, Manoel Carlos compôs narrativas baseadas em temas sociais. O autor falou de amor, de família, de traição e de sofrimento - elementos clássicos da teledramaturgia - e também de leucemia, diferença de idade em relações

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 29 a 31 de Agosto de 2023

² Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP em Comunicação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Email: pajsou@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP. Pós-doutora, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais. Projeto FAPESP 2018/11635-0. Email: claricegreco@gmail.com

amorosas e superação. Estiveram no centro das discussões o adultério, preconceito, prostituição, traição e violência urbana.

Em entrevista, Manoel Carlos justificou⁴: "o que escrevi obedece à época em que tudo foi escrito", alegando que os relatos revelaram as mazelas existentes na sociedade.

O autor colocou na “vitrine” diversos temas importantes fundamentados nos clamores das pessoas, em maioria protagonizadas pelas personagens principais.

Em uma esfera menos prestigiosa ficou a pauta das domésticas. As personagens viveram na narrativa descaso dos patrões, preconceitos e violências. Os conflitos, desenvolvidos em papéis secundários, retratam situações recorrentes à época, anterior à regulamentação do trabalho doméstico. Na versão da reprise de 2021 de *Laços da Família*, o tratamento dado às empregadas, especialmente Ritinha e Zilda, foram alvo de crítica. Assim, poderíamos supor que a maneira como as empregadas domésticas foram tratadas na telenovela é um reflexo da forma com que a sociedade as tratava na época. A década de 2000 foi marcada por um bom momento econômico⁵, resultado da retomada do desenvolvimento e de maior justiça social.

Pallottini (1989) pontua que uma personagem nada mais é que a imitação ou a recriação dos traços fundamentais de uma ou mais pessoas. Isso significa que a representação dada a essas personagens tem relação com a realidade do tratamento depositado nelas na sociedade, não só à época, mas ainda hoje. Rever *Laços de Família* pode, ao mesmo tempo, causar indignação pela forma com que as domésticas são representadas (sensação acompanhada de incômodo pela falta de criticidade depositada nas cenas) quanto retroalimentar preconceitos do público em geral. Santos (2010, p.56), destaca: “o público aceita ou rejeita os conteúdos da cultura de massa de acordo com os seus interesses imediatos, mas adora, acima de tudo, o espetáculo que lhe é oferecido”.

Em *Laços de Família*, as empregadas domésticas cumpriram papéis secundários, em que elas “gravitavam” em torno das famílias. Os núcleos de personagens evidenciavam conflitos de classes, especialmente por ocorrerem no Leblon, bairro nobre na zona sul da capital Fluminense. As relações de trabalho estavam além da laboral, uma vez que essas profissionais eram subordinadas a um vínculo de submissão semelhante à servidão, resultado de uma estratégia de poder de seus patrões. Elas se mantinham atentas aos dramas de suas patroas, assumiram sistematicamente os

⁴ Fonte: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/manoel-carlos> Acesso em 13/06/2023

⁵ Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2015/02/a-desconcentracao-da-riqueza-nacional-nos-anos-2000-329/> Acesso em 10/06/2023

cuidados da casa e crianças para que, assim, as classes média e alta pudessem trabalhar, passear e viajar.

A casa da patroa representa o espaço social definido por Bourdieu (1996), no qual ocorreriam as interações dos mundos. Por trás das personagens principais, que em sua maioria foram protagonizadas por famílias brancas, “cultas” e ricas, figuravam as empregadas, que nos dramas faziam contraste ao universo da elite carioca. As domésticas de *Laços de Família* eram, em sua maioria, jovens negras, originárias de classes sociais menos favorecidas.

Uma década depois da transmissão da telenovela, diversas reivindicações das categorias de profissionais domésticos resultaram na Proposta de Emenda à Constituição 66/2012, conhecida como ‘PEC das Domésticas’, que impõe a regularização do trabalho doméstico. Ainda que sejam inegáveis as melhorias ocasionadas pela PEC, o preconceito enraizado e o racismo estrutural deixam ainda muito a desejar. Atualmente no Brasil as empregadas domésticas, babás e diaristas são marcadas pelo mesmo histórico abordado na ficção, em sua maioria são mulheres jovens, negras e de origem humilde.

O panorama do trabalho doméstico apontado na pesquisa nacional, realizada em 2021, pelo DIEESE⁶ (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócioeconômicos), relata que 92% das vagas de trabalho doméstico são ocupadas por mulheres, sendo 65% representado por mulheres de etnia negra. A pesquisa também mostrou que as mulheres negras⁷ recebem 20% a menos que as mulheres não negras⁸.

Outro fato preocupante apontado na pesquisa está relacionado à informalidade.

O número de trabalhadoras sem registro em carteira é maior entre as mulheres negras, corresponde a 1,1 milhão, contra 699 mil mulheres não negras. Estes dados revelam uma realidade que manifesta os estereótipos presentes na sociedade, associados à profissão, e seguem a lógica do preconceito. Para pessoas negras, restam atividades “menos importantes” com menor remuneração onde lhes são negados os direitos trabalhistas, configurando assim o racismo estrutural⁹, Lima (2001), destaca:

⁶ Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html> Acesso em 10/06/2023

⁷ Mulheres negras: inclui as pretas e pardas. Esta classificação foi elaborada pelo DIEESE

⁸ Mulheres não negras: são brancas, amarelas ou indígenas. Esta classificação foi elaborada pelo DIEESE

⁹ Fonte: <https://brasildedireitos.org.br/atualidades/o-que-racismo-estrutural/noticias/488-o-que-racismo-estrutural> Acesso 18/06/2023

Ao persistir retratando o negro como subalterno, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um aspecto da realidade da situação social da população negra mas também revela um imaginário, um universo simbólico que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade. (LIMA, 2001, p.11)

Em *Laços de Família* é possível observar a recorrência de características que marcaram essas personagens. As empregadas eram exploradas, assediadas, estereotipadas e submissas.

A telenovela *Laços de Família*

Laços de Família foi uma telenovela escrita por Manoel Carlos, exibida pela primeira vez na TV Globo entre 2000 e 2001 e reprisada no programa *Vale a Pena Ver de Novo* nos anos 2005 e 2020-2021, no Canal Viva em 2016 e atualmente está disponível na plataforma Globoplay. O tema central era a recorrente relação de amor incondicional da mãe pela filha. Helena (Vera Fisher), abre mão do namorado mais jovem para que este se relacionasse com sua filha Camila (Carolina Dieckmann), que depois descobriria ter leucemia. A partir do diagnóstico, a mãe decide engravidar novamente para salvar sua filha, por meio do cordão umbilical do recém-nascido.

No núcleo principal da trama, existem as personagens secundárias, dentre elas a empregada Zilda (Thalma de Freitas), uma jovem negra, sem vida própria, sempre disponível e que atuava como “doméstica 24 horas”. Confidente, conselheira e fiel à sua patroa “dona” Helena (Vera Fischer), Zilda tinha o estereótipo do caricato, reunia traços de atrapalhada e fazia o papel de alívio cômico. Comparato (2009) defende que tudo pode ser engraçado, se for dito de maneira divertida. Propp (1992, p.134) pontua que: “qualquer traço de caráter negativo pode ser representado comicamente graças aos mesmos meios com os quais se cria, em geral, o efeito cômico”. A sobrecarga atribuída a Zilda, que não foi evidenciada na exibição original, levantou críticas nas redes sociais durante a reprise de 2021. Outra personagem que recebeu atenção do público e da mídia foi Ritinha (Juliana Paes), uma jovem que veio do interior para trabalhar na casa de Alma (Marieta Severo) e recebe cantadas e abusos do patrão Danilo (Alexandre Borges). Por fim, destacamos a personagem Irene (Cléa Simões), uma empregada da terceira

idade, que vivia na casa dos patrões desde a juventude, caracterizando um regime de trabalho análogo à escravidão. As três personagens serão objeto das reflexões deste artigo.

Zilda e a exploração da mão de obra doméstica

A reprise de *Laços de Família*, nos anos 2020 e 2021 no programa *Vale a Pena Ver de Novo* coloca a problemática das empregadas domésticas em perspectiva. Zilda pode representar as empregadas que acumulam funções que nem sempre são atribuições de seu cargo e desconhecem seus direitos trabalhistas. Com a reapresentação da telenovela, o que repercutiu nas redes sociais foi à crítica ao tratamento dado a Zilda. A funcionária da casa, além de exercer multitarefas, estava sempre de plantão, ora submetida à jornada exaustiva ou sendo mal tratada pela esposa do filho de Helena. O site Observatório de TV assinala: “embora todos digam que Zilda é da família, ela é explorada de todas as formas pela família de Helena, sem ter nenhum momento de folga.”¹⁰ Zilda não tinha horário fixo para o trabalho, fazia faxina, era cozinheira, fazia compras, costurava e atuava como babá dos netos de Helena e também do filho de Capitu (Giovanna Antonelli). Zilda trabalhava até tarde da noite, inclusive na véspera do Natal.

Figura 1- Rotina profissional de Zilda



Fonte: Elaborado pelo autor do artigo com imagens do Globoplay. Acesso em: 19/06/2023

¹⁰ Fonte: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/publico-critica-tratamento-dado-a-zilda-em-lacos-de-familia>
Acesso em: 10/06/2023

A relação patroa-empregada é complexa, pois mescla o âmbito profissional com questões pessoais. Nesse jogo de forças, a trabalhadora está em desvantagem, pois nem sempre possui repertório necessário para distinguir com clareza o que delimita as atribuições de sua profissão e, principalmente, não podem se opor, pois necessitam do emprego.

Na atividade profissional das empregadas é possível que o exercício de multifunções caracterize a exploração da mão de obra e a precarização da profissão, já desvalorizada socialmente. Por exemplo, de acordo com o Sindicato das Empregadas Domésticas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo (SINDOMESTICA)¹¹, as atividades de babá e empregada doméstica são distintas, tanto é que são categorias diferenciadas pelo Ministério do Trabalho (MTE)¹². Em razão disso há uma classificação Brasileira das Ocupações (CBO) definida para cada atividade.

Irene e as sutilezas da escravidão análoga

Além do desvio de função, da sobrecarga e da ausência de horário fixo de trabalho, algumas domésticas vivenciam um regime análogo à escravidão pela falta de limites trabalhistas e pela longevidade em que se estende a relação, disfarçada pela frequente premissa de que seriam ‘um membro da família’.

Esse é o caso da segunda empregada que suscita nossas reflexões. Irene (Cléa Simões) é negra e já ocupa a terceira idade. Ela era a babá de Ciça (Júlia Feldens), filha de Miguel (Tony Ramos) e vivia com eles e a avó paterna Nilda (Yara Lins). Irene havia atuado como babá, mas permaneceu na casa da patroa mesmo após o crescimento de Ciça.

¹¹ Fonte: https://www.sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=718 Acesso em: 10/06/2023

¹² Fonte: <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/> Acesso em: 10/06/2023.

Figura 2 - Irene e a patroa

Fonte: Globoplay. Acesso em: 19/06/2023

Irene fazia as refeições sentada à mesa com a família e acompanhava a patroa nas festas. Embora a família tivesse uma outra empregada, Irene ainda aparecia fazendo pequenas coisas, como ajudar a servir a mesa. A ex-babá foi “naturalizada” no lar, era como se fosse “da família”. E esse acolhimento pode ocasionar um equívoco, assim as questões relacionais podem ser problemáticas e favorecem a exploração da mão de obra.

Teixeira, Saraiva e Carrieri (2015) destacam que, na casa em que as empregadas atuam, coexistem a proximidade física e o distanciamento simbólico entre empregadas e patrões. Os autores apontam, ainda, a recorrente negação da condição de empregada doméstica para se permitirem pertencerem aos lugares, o que leva a uma noção plural de espaço, pois condensam a diferença entre estar fisicamente em um lugar e simbolicamente a ele pertencer. (ponto de vista- referenciais diferentes)

Irene pode acreditar que é mesmo da família, o “vínculo” de dependência desse núcleo familiar enfraquece a relação profissional, e coloca em outro plano as reivindicações trabalhistas.

A situação reflete um cenário favorável aos patrões, em que a empregada realiza trabalho não visível, prestando serviços a qualquer hora sem escala de descanso e nem sempre remunerado. Com a idade avançada, Irene não tinha mais oportunidade profissional, o que enfraquece a possibilidade de rompimento com o vínculo (vínculo de exploração) em que se acostumou. É possível que a condição de Irene represente a precarização da profissão que abrange domésticas, babás e outras profissionais de serviços que trabalham sem

registro em carteira. Mais do que isso, a situação poderia ser estendida atualmente a qualquer classe trabalhadora, pela evidente priorização do trabalho jovem em detrimento de profissionais acima de 50 anos. Como afirma Castel (2012), isso resultam na invalidação dos trabalhadores que estão envelhecendo, ou seja, aqueles que são demasiado idosos para serem reciclados, mas jovens demais para se aposentarem.

No caso de Irene, assim como para muitas domésticas com anos de atuação informal no Brasil, não há opção de aposentadoria, tampouco direitos trabalhistas acumulados, portanto as circunstâncias vividas por Irene criam um ambiente que caracteriza a escravidão análoga¹³.

O trabalho em condições análogas à escravidão é caracterizado pela privação de direitos do trabalhador ao executar suas atividades profissionais. O trabalhador ou a trabalhadora presta serviços durante anos, muitas vezes com um salário abaixo do mínimo estabelecido na lei, recebe acomodação e alimentação precárias e até isalubres.

Uma das formas de erradicar o trabalho escravo e degradante é a denúncia, constantemente trazidas ao público em exemplos desse tipo de exploração. O trabalho escravo não atinge somente as empregadas idosas, as jovens também são vítimas da exploração. O portal G1 trouxe a manchete que descreve uma situação que se repete durante anos: “Doméstica é resgatada após passar 43 anos em condições análogas à escravidão; 'Diziam que era da família', diz procurador”¹⁴ Essa frase, não raro enunciada por patrões em relação a suas empregadas, ressalta uma ligação afetiva e imaginária. Ao dizer que “são da família”, estabelecem um vínculo de confiança por parte da empregada, e também de seus familiares. O portal complementa: “Além dos afazeres na residência, ela também atuava como babá. Durante todo esse período, trabalhou em todos os turnos, sem vínculo empregatício”. Essa empregada desconhecia seus direitos e confiava em seus patrões. O portal de notícias também informou que a doméstica não tinha carteira assinada, portanto não tinha direito a nenhum benefício da previdência. A doméstica iniciou a carreira quando era adolescente, teve seus documentos confiscados pelos patrões, isso também caracterizou como trabalho forçado.

¹³ Fonte: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretaria-de-trabalho/inspecao/areas-de-atuacao/combate-ao-trabalho-escravo-e-analogo-ao-de-escravo#:~:text=Considera%20Dse%20trabalho%20realizado%20em,de%20trabalho%3B%20a%20restri%C3%A7%C3%A3o%20da> Acesso em: 13/06/2023.

¹⁴ Fonte: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/30/domestica-e-resgatada-apos-passar-43-anos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-diziam-que-era-da-familia-diz-procurador.ghtml> Acesso: 10/06/2023.

A expressão “como se fosse da família” coloca em perspectiva uma problemática dentro das narrativas das profissionais que exercem serviços domésticos.

Estamos falando de visões de mundo, um modelo de sociedade que assegura a manutenção de privilégios da elite, e ao mesmo tempo afeta as camadas mais “baixas” da população. Na representação, as empregadas domésticas cumpriam uma ordem social estabelecida. Para Hall (2016, p. 31) a “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura.” No Brasil, tornou-se naturalizado no hábito cotidiano e cultural das elites a dissolução do trabalho doméstico, travestido de relação pessoal. Zilda e Irene tinham em comum esse pertencimento, pois acreditavam que eram da família.

O assédio sexual no trabalho doméstico

Laços de Família apresentou mais uma trama envolvendo a empregada doméstica Ritinha (Juliana Paes). A jovem veio do interior para trabalhar na casa do casal Danilo (Alexandre Borges) e Alma (Marieta Severo). Alma era a detentora da fortuna, e se casou com Danilo, mais jovem e sem bens próprios. Na trama, a personagem trouxe à tona um tipo violência da qual muitas empregadas podem ser vítimas, sendo assediadas ou tratadas como “objeto sexual” de seus patrões. Ritinha foi seduzida por seu patrão Danilo, que a engravidou. Danilo ficou com medo que Alma descobrisse a traição, sugeriu que Rita fizesse um aborto, mas ela não aceitou, a doméstica morreu no parto de gêmeos.

Figura 3 – Ritinha



Fonte: Globoplay. Acesso em: 19/06/2023

É interessante observar que há uma dicotomia entre os papéis de Danilo, entre ser marido de Alma e patrão de Rita. Para Alma, Danilo era conservador, defendia a fidelidade no casamento, tinha a família como uma instituição sagrada e vivia de mesada da esposa. Como patrão de Rita, Danilo era exibicionista, estava sempre na piscina tomando champagne e olhando as pernas de Ritinha quando ela servia bebida a ele (foto). O patrão contava vantagens, fazia promessas mentirosas, a empregada acreditava nessas conversas.

Fazendo uso das ideias de Martín-Barbero (1997) quando o autor relata como era formada a rede de personagens que compõe o núcleo de um drama de romance no século XVIII, percebe-se que há algumas semelhanças que descrevem os arquétipos do assediador, daí temos: “o traidor, ou perseguidor ou agressor” (1997, p.163). O autor defende que uma dessas figuras pode ser a “personificação do sedutor que fascina a vítima” (Martín-Barbero, 1997, p.163).

Danilo tinha os arquétipos do assediador, era compulsivo pela sedução, flertava todas as mulheres ao seu redor e fez fama de mulherengo. A empregada tinha um sonho de ser modelo, no final foi seduzida pelo patrão. As cenas não descrevem uma grande história de amor, mas refletem uma possível realidade vivida por algumas profissionais do serviço doméstico – tanto no aspecto da realidade quanto no imaginário coletivo (como a fantasia do adolescente que perde a virgindade com a empregada). Morin (2005, p.37) ressalta o duplo movimento que envolve a cultura de massas, do “imaginário arremedando o real e do real pegando cores do imaginário”.

Vale ressaltar que, justamente porque a ideia de uma empregada jovem, atraente (evidenciada pelo uniforme de saia curta) e submissa (até mesmo pela posição hierárquica) também habitasse o imaginário coletivo no fim dos anos 1990, o assédio sofrido por Ritinha pode passar despercebido. Danilo e Ritinha compõem um par cômico. As cenas aparentemente divertidas, onde prepondera a tolerância à violência, culminam na culpabilização da vítima como justificativa do ato. Manoel Carlos atribuiu um caráter erotizado ao comportamento de Ritinha, explorou o estereótipo da hipersexualização da personagem e, com isso, a doméstica se tornou “objeto” de desejos de seu patrão. O autor estimulou as fantasias masculinas ao compor uma personagem

que era jovem, bonita, de uniforme curto. Em certas cenas, como ao servir seu patrão na piscina, as suas pernas eram destaque.

Figura 4 – Danilo observando as pernas de Ritinha



Fonte: Plataforma Globoplay. Print da cena do capítulo: 47. Acesso em: 19/06/2023

Na perspectiva do assediador e talvez, do telespectador, Ritinha demonstrava gostar das cantadas do patrão, e o sexo aparente ser consentido, o que deposita parcela de ‘culpa’ na própria empregada pela gravidez. No entanto, a posição de subordinação fragiliza a empregada e a colocam em posição vulnerável. Esse tipo de assédio é criminalizado no Brasil e apontado no Artigo 216-A¹⁵, que define Assédio sexual como “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.”

Desse modo, a insistência de Danilo configura crime, ao passo que a posição de Ritinha a coloca em posição de vítima. A telenovela, no entanto, não aponta criticamente essa relação. Talvez pelo contrário, coloca parcela de responsabilidade em Ritinha, configurando culpabilização da vítima. Assim, a narrativa deixa de evidenciar a desigualdade social, além de promover tolerância à violência, objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. De acordo com Sommacal e Tagliari (2017), essas seriam

15

Fonte: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Nucleo_de_Genero/assedio_sexual/assedio_legis/crime%20de%20%20ass%C3%A9dio%20sexual.pdf

circunstâncias concernentes à cultura do estupro, as quais se materializam na normalização da violência, na objetificação da mulher e na culpabilização da vítima; características essas que, além de promover o culto do crime em comento, ensejam a permanência da mulher em um patamar inferior, desigual e adstrita às condutas morais socialmente esperadas pelo sexo feminino.

O desejo de permanência da mulher em seu lugar socialmente esperado por uma cultura absorta em machismo estrutural fica evidente no encerramento da trama. Ritinha morre no parto dos gêmeos, Alma perdoa Danilo e aceita criar as filhas do marido adúltero. O patrão assediador encerra sua trajetória narrativa sem grande perda, ao passo que Ritinha é retirada do caminho para a ascensão da felicidade de Danilo.

Em geral, o assediador fazia uso de seu status social, atuando com estratégia de poder em um processo cíclico de abuso e opressão, sendo assim, a empregada era submissa a essa dominação. Nesse sentido, podemos observar o assédio presente nessa telenovela como violência simbólica (Bourdieu, 1999), formada por uma relação de submissão que o dominado vive diante do dominante.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/ feminino, branco/ negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 1999, p. 47).

Portanto, na trama, o assediador em seus ritos de conquista, machista legitimado, atuou livremente, dando um sentido quase cômico a suas atitudes, sob o risco do assédio ser visto como não ofensivo. Nos anos 2000, a situação das trabalhadoras domésticas, assim como a visão criminalista sobre assédio eram abrandadas e naturalizados. Quando de sua reprise, os avanços nos debates sociais levantaram a percepção, talvez não tão forte ou generalizada na exibição original, dos absurdos enfrentados por Zilda, Irene e Ritinha. Hoje, é possível constatar a violência simbólica na relação entre essas personagens e seus padrões.

Considerações finais

Em *Laços de Família*, a representação das empregadas domésticas evidenciou estereótipos e preconceitos presentes na sociedade, assim, para os papéis supostamente de pouca relevância, as personagens eram de origem humilde e na maioria dos casos eram negras. É necessário promover mudanças de mentalidade nesse contexto histórico e desafiador, quebrar os paradigmas de uma percepção negativa que desvaloriza a mão de obra de profissionais de serviços domésticos.

A caracterização das empregadas evidenciou a precarização da profissão de doméstica, revelou exploração da mão de obra, o assédio sexual e os maus tratos dados a essas profissionais. A reexibição da telenovela no programa *Vale a Pena Ver de Novo* nos anos (2020-2021) trouxe à tona a perspectiva crítica sobre situações que, se antes normalizadas, hoje são alvo de denúncia. A discussão retomada faz refletir que as políticas criadas ao longo dos anos que, ainda que tenham contribuído para avanços, ainda não foram suficientes para reverter a situação.

A abolição dessas agruras faz parte dos anseios de uma classe que vive a pobreza e a indiferença. Uma década após o reconhecimento dos direitos e necessidades de condições de trabalho aprovada na PEC das Domésticas em 2013, a cultura da exploração da mão de obra de trabalho doméstico ainda é uma realidade no Brasil.

Algumas empregadas são submissas, expostas aos assédios moral e sexual, submetidas à escravidão análoga e cárcere privado e, muitas vezes, não percebem o abuso ou não detém competências (financeiras, legais, educacionais) para denunciar ou se opor.

Hall (2016) fez a distinção da representação em três abordagens: a *reflexiva*, na qual linguagem utilizada pelo autor reflete um sentido social; a *intencional*, pela qual o autor expressa sua opinião ou visão de mundo; e a *construtivista*, na qual os significados são elaborados na linguagem e construídos também pela recepção. Podemos supor que Manoel Carlos fez uso dessas abordagens para compor essas personagens e assim representar a realidade, pois evidenciam significados que revelam a sociedade da época (reflexiva), expressam a visão de mundo e perspectiva do autor – no caso, aparentemente pouco críticas - sobre as violências sofridas pelas trabalhadoras (intencional), mas também tem seus significados elaborados pelo público

(construtivista), que, ao menos na ocasião de sua reexibição, denunciou e alertou criticamente sobre os abusos retratados na narrativa.

A ficção reforça sua importância quando estimula o debate de temas relevantes como a violência e a impunidade. De acordo com Lopes (2003,p.31) “a força e a repercussão da telenovela mobilizam cotidianamente uma verdadeira rede de comunicação, através da qual se dá a circulação dos seus sentidos e provocam a discussão e a polêmica nacional”. Também White (1998, p1) reforça que os telespectadores são capazes de ter leitura diferenciadas e plurais das mensagens veiculadas, buscando sentidos convergente às suas experiências de vida. Nessa exposição, podemos concluir que o telespectador é constantemente desafiado a uma reflexão acerca dos problemas do cotidiano que vão além do entretenimento. Por meio de um ambiente de reflexão, é possível suscitar debates que promovam mudanças nas relações entre as pessoas, e que haja ações concretas no que diz respeito à responsabilidade do Estado em proteger as pessoas, que coloque em prática as políticas públicas de combate aos abusos, desigualdades sociais, preconceitos e violência contra as mulheres, em especial as mulheres negras.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social, uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2009.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LIMA, S. M. C. D. **A personagem negra na telenovela brasileira: alguns m**. Revista USP, [S. l.], n. 48, p. 88-99, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i48p88-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32894>. Acesso em: 23.06.2023.

LOPES, M. I. V. de. (2003). **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação & Educação, (26), 17-34.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O Espírito do Tempo** – 1. Neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. (edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia a contrução do personagem**. 1º ed. São Paulo: Ática, 1989.

PROPP, Vladimir, **Comicidade e riso**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

SANTOS, Roberto Elísio dos, **As teorias da comunicação: da fala à internet**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

TEIXEIRA, Juliana C.; SARAIVA, Luiz Alex S.; CARRIERI, Alexandre de P. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações e sociedade**. 22 (72) • Jan-Mar 2015 • <https://doi.org/10.1590/1984-9230728> . Acesso em 31.07.23

SOMMACAL, Clariana Leal; TAGLIARI, Priscila de Azambuja. **A Cultura de Estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima**. REVISTA DA ESMESC, v.24, n.30, p. 245-268, 2017. WHITE, R. A. (1998). **Recepção: a abordagem dos Estudos Culturais**. Comunicação & Educação, (12), 57-76.